

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

EDUARDO DE ALMEIDA.

PIMENTA, Alfredo

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

PIMENTA, Alfredo, Eduardo de Almeida. *Revista de Guimarães*, 68 (1-2) Jan.-Jun. 1958, p. 69-72.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Eduardo d'Almeida

Quando há trinta e cinco anos, em Guimarães, eu mofo a paciência àquele meu admirável professor de latim que se chamou Cónego José Maria Gomes, e que vive, perene, na minha Saudade e na minha Gratidão; quando há trinta e cinco anos eu, todos os dias, subia o calvário que ia da minha casa para o Beringel, onde ficava o Colégio de S. Nicolau, a auferir, como diria o desventurado Pad Zé, o elemento espiritual que emanava da Gramática latina de Madvig ou das páginas arrelentas do Tito Lívio — consumia-se no mesmo labor, mas do outro lado da vila, uma criança da mesma idade e do mesmo tamanho, meu vizinho de rua — e que, poucos anos volvidos, seria meu camarada, meu amigo como irmão: eu, no Colégio de S. Nicolau com o Cónego José Maria Gomes a fazer de tirano; ele, no Colégio de S. Dâmaso, tendo como símbolo da tirania, o Padre Hermano.

Há trinta e cinco anos...

Quer o meu fadário que eu, nestes últimos tempos, me deite a estas escavações pré-históricas.

Pois foi há trinta e cinco anos.

Nas vésperas da partida para Coimbra, quando já sacudíamos a poeira de bichos de Liceu, e ensaiávamos a arrogância bisonha de caloiros da Marrafa, ele e eu perpetrávamos — eu, escarranchado no Pégaso matreiro que parecia querer impedir-me de, algum dia, vencer a Quimera; ele desbastando o ébano misterioso duma Prosa prometedorá.

Fomos para Coimbra, como conhecidos que se tiram, com simpatia, o chapéu — eu, primeiro; ele, no ano seguinte. E à sombra maternal da velha Torre, a nossa amizade nasceu, criou raízes, criou tronco, ramos, folhas, flores, e é hoje ameno

refúgio para os nossos corações feridos, e para os nossos espíritos desencantados. Nem os vendavais a arrancaram, nem as inclemências do fogo a exauriram. O Eduardo d'Almeida — pois é dele que se trata — e eu somos, um para o outro, hoje, como há trinta e tal anos, em Coimbra, quando ele, na sua casa da rua da Trindade, armava em César de Bazan, e eu, em meu alcáçar de Celas, rendia culto a Baudelaire e meditava Hegel.

Bons tempos.

Quando, no fim desse ano, ou nas férias do Natal do ano seguinte, regressámos a Guimarães, ele, a descansar de um trabalho proveitoso, eu, a sofrer as consequências de uma triste mocidade de órfão e sòzinho — vínhamos de braço dado e trazíamos no fundo das malas esta coisa inconcebível: o *Burgo podre*. Que era o *Burgo podre*? Era um panfleto em prosa e verso: a prosa, escrevia-a ele; os versos, escrevia-os eu. Dezasseis páginas tremendas, irreverentes, sacrílegas, com que nos propúnhamos dinamitar o burgo, purificar o Céu, e alimpar as almas, e lavar os corpos dos nossos contrerrâneos. Convencidos de que a verdade só a possuíam os nossos espíritos de vinte anos ansiosos, e a justiça estava nas nossas bocas frementes — nada nos demoveu, nem a consideração que nos devia merecer o lar familiar, todo impregnado de tradições e preconceitos sãos, nem o receio de alguma reacção contundente. Nada. E uma tarde, ali, nas bochechas de D. Afonso estatuido, diante do Burguês mais pasmado do que indignado — bumba! as dezasseis páginas do *Burgo podre* estalaram como chicotadas coléricas, juvenalescas e voltaireanas...

D. Afonso, Rei hercúleo, não se mexeu; o Burguês continuou a fazer, tranquilo, o seu quilo depurador e reconfortante; e nós olhamos um para o outro, a rir. Ainda deitamos cá fora outras dezasseis páginas. Mas breve reconhecemos que o mundo não valia o nosso esforço — nem a indignação das minhas rimas, nem a ironia causticante da sua prosa. E passamos a pensar noutras coisas.

E na ampulheta da vida, a areia foi passando, foi passando, uma vez, dez vezes, cem vezes, mil vezes...

incansavelmente, que o tempo, fielmente, a tem voltado, sempre que a areia está a chegar ao seu termo.

E Eduardo d'Almeida escreveu um romance zolaesco, *Na Lama*, e um volume apreciável de doutrina social sobre a Família, e foi transitòriamente, vagamente, deputado às Constituintes, com magníficas intenções, e advogou e compôs um volume de novelas *Almas do Purgatório*, e enveredou, com notável felicidade, pelo caminho dos Arquivos e da papelada antiga, escrevendo uma valiosa monografia de história económica vimaranense, *Romagem dos Séculos* . . .

E agora, no princípio deste ano, depõe nos mostradores das livrarias um tríptico de novelas, *Vida de Sombras*, que só não consagra o nome de Eduardo d'Almeida, ou porque já está consagrado no conceito de alguns, ou porque o Público cansado, exausto de consagrar mediócrs e parlapatões, já não sabe distinguir o oiro do pechisbeque, e esgota as edições dos idiotas, mas ignora as páginas formidavelmente goyescas do escritor vimaranense.

Confesso o meu acanhamento, ao escrever estas palavras, porque Eduardo d'Almeida marcou, com antecipação, o seu lugar na vida de amanhã — e eu, eu . . . não sou ninguém.

Mas cumpro um dever, assinalando o aparecimento deste volume *Vida de Sombras*, porque são duzentas páginas de valor imortal. As novelas chamam-se *Zarinho papa*; *Samonde, alfarrabista*; *Epigrama*.

Se me é lícito ter preferências, se me não falha a competência para a escolha — eu digo que os meus gostos vão para as duas últimas novelas, e, entre as duas, para a última.

Eduardo d'Almeida é um poeta. Nunca fez versos, creio eu. Mas não é preciso saber rimar, para se ser poeta.

Eduardo d'Almeida é um poeta. É um poeta da família dos tenebrosos — Poe, Gerard de Nerval, Swinburne, almas que o *Fatum* envolve em sombras, temperamentos em que o mel mais loiro e mais doce sabe a triaga, e os ouvidos para quem a *jota* mais Quintero tem tons de responso. As novelas de

Eduardo d'Almeida são telas encarvoadas que estão a pedir a colaboração de Goya, do Goya mais macabro e alucinante.

São poemas de delírio pessimista — em que se não fala em Morte nem em Cemitérios, mas em que sopram cataclismos de tragédia, devastadores . . .

E o estilo? O estilo — rico em excesso, talvez, tão rico que chega a roçar pelo raro, — o que prejudica, em meu fraco entender, o livro. Das três novelas, a que se ressentente mais disso é a primeira. Eduardo d'Almeida deixou-se seduzir pelas tendências regionalistas, no sentido do uso dos modismos provincianos, em tanta abundância, que obscurecem a frase e impacientam o leitor. Abstraindo disso, — o estilo, no negrume do conjunto, veste com efeitos sugestivos surpreendentes a melancolia quase fatídica, que envolve e penetra a alma do Artista.

A gente lê, em via de regra, alguns desses muitos livros que a turba exalta e quase sempre observa: eu já li isto algures — no Eça? no Camilo? no Zola? no Anatole France? no Fialho? no D'Annunzio? no Dostoievsky? ou no Rosalino Cândido? . . .

As páginas de Eduardo d'Almeida são dele: só dele, e de mais ninguém. Não há vestígios, não há pègadas, não há sombras de outrem, nestas 200 páginas. A magia — fúnebre magia!, embora — que nos conquista, emanada destas páginas, nada a perturba porque flui pura, inconfundível, desde o princípio até final.

ALFREDO PIMENTA